



CALEIDOSCÓPIO ESTÉTICO E POLÍTICO NA PRIMEIRA FASE DA REVISTA DE ANTROPOFAGIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3407

Heraldo Márcio Galvão Júnior, UFPA

Resumo

Quando Oswald de Andrade surge na cena acadêmica enquanto tema ou objeto de estudo, tanto em literatura quanto em história, teatro e artes, questões são priorizadas, como o pau-brasil, o movimento antropofágico, o manifesto antropófago, o comunismo, entre outros, relegando fontes, como seus escritos anteriores à década de 1920 e a *Revista de Antropofagia*, a meras citações ou instrumentos para legitimar ideias e outros contextos. Fugindo desta lógica, com o presente trabalho, serão apresentados resultados parciais de um projeto de pesquisa que visa, entre outras questões, analisar a *Revista de Antropofagia* enquanto espaço legitimador do modernismo mais radical e, talvez contraditoriamente, a primeira fase enquanto espaço aglutinador de intelectuais, escritores e artistas díspares quando pensamos nas questões políticas, ideológicas e estéticas. Outrossim, objetiva-se averiguar a participação dos intelectuais e artistas paraenses na primeira “dentição” da *Revista* a fim de questionar, ainda que de maneira incipiente, a ideia de São Paulo como centro produtor, propulsor e divulgador do modernismo brasileiro. Não será questionada a importância que teve São Paulo para o modernismo, mas pretende-se relativizar, a partir da *Revista*, a preponderância estritamente paulista neste movimento a partir da hipótese inicial de que, na realidade, a vanguarda paulista teria característica aglutinadora dos modernismos regionais e regionalizados.

Palavras Chave:

Revista de Antropofagia;
Oswald de Andrade;
modernismo.

Introdução

Diversas obras historiográficas tratam da problemática ao utilizar as revistas como fontes devido à sua complexidade. A primeira delas a se considerar é que, segundo Ana Luiza Martins (2001), revistas são de agradáveis leituras, logo o historiador deve precaver-se para que não se encante demasiadamente com suas páginas a ponto de considerá-las verdadeiras.

O uso de Revistas como fonte para nossas análises pressupõe reflexões acerca de uma metodologia própria no lido com tais documentos. Ângela de Castro Gomes (1999) afirma que os periódicos eram espaços de sociabilidade legitimados em que grupos de intelectuais reuniam-se e articulavam-se a fim de debater e difundir ideias. Segundo Tânia Regina de Luca (2002) esses aspectos devem ser levados em consideração e complementa que, ao recolher e analisar os artigos de periódicos, o pesquisador não deve apenas fazê-lo para justificar suas ideias, mas considerar uma gama de outros fatores, como as revoluções técnicas do momento, o mecenato que propiciava sua existência, as condições de produção e, principalmente, a natureza dos capitais envolvidos.

Assim, se faz necessário nos remeter ao interior da Revista de Antropofagia, inserindo-a na história da imprensa, verificando suas políticas editoriais, seu papel desempenhado no momento de circulação, ideias e ideais difundidos, a rede de sociabilidade que se fazia presente, distinção de suas fases, verificar de que maneira a revista dialogava com outros periódicos do período, entre outros fatores que possibilitem uma melhor interpretação dos artigos recortados e do período estudado.

Partindo do princípio de que seus idealizadores compartilham de uma visão de mundo difundida pela publicação da revista e que, como sugere

Ana Luiza Martins, esta acaba sendo uma forma de intervenção no espaço público, deve-se considerar uma gama de questões para uma análise mais consistente, como: materialidade - papel, impressão, formato, iconografia, dimensões - organização interna, propagandas e preços para, assim, poder construir a ideia de público leitor imaginada pelos idealizadores. A partir de tais elementos, somados a uma intensa análise interna, aproxima-se da noção de mundo veiculada pelos organizadores do periódico.

A relevância em estudar os idealizadores, as redações e os grupos que se formam em torno deles têm sido incessantemente defendidos pela historiografia devido a necessidade de se identificar as intenções, motivações e lutas que levam à publicação de periódicos. Para tal, o uso de obras biográficas e autobiográficas de Oswald de Andrade, Raul Bopp, Tarsila do Amaral, Antônio de Alcântara Machado e Geraldo Ferraz se faz essencial. Além disso, devido à primeira fase da Revista de Antropofagia ser muito diferente da segunda, há a necessidade de analisar a formação do primeiro grupo, as cisões no interior deste grupo e a formação de um segundo. Este trabalho se torna ainda mais complexo quando temos uma primeira fase produzida de maneira autônoma e a segunda como parte do jornal Diário de São Paulo, com direção, redação, diagramação e política editorial próprias.

A ideia de fundar a Revista ocorre concomitantemente ao delineamento do movimento antropofágico, em fins de 1927, decorrente de diversos fatores internos e externos em meio ao ambiente paulista reconfigurado a partir do final do século XIX.

Em relação à justificação do caráter único de São Paulo no cenário brasileiro, os modernistas caracterizam-na como tendo liderança em matéria de

cultura devido ao seu cosmopolitismo, fruto de uma nova raça que se transforma, abasileirada, multiétnica (o melhor das raças que o mundo todo despeja nos portos), vencedora, completamente diferente do tipo brasileiro convencional (faz-se alusão a Peri e Jeca Tatu). Essa raça paulista possuía, então, caráter apenas regional, associando-a ao bandeirante criador de fortunas.

Em suma, esse grupo, longe se ser homogêneo, considerava que a metrópole paulista teve uma montagem multifacetada, que inclui considerações raciais (paulista, multiétnica), o momento histórico e o ambiente (metrópole do século XX, industrialização e resultantes: urbanização, economia monetária, paisagem citadina, multidão), que convergem na visão de cultura como “sintoma”, “produto” da época e lugar geográfico.

Todo este movimento culminou na Semana de Arte Moderna, em 1922, que acabou sendo construída historicamente pelos seus contemporâneos e reafirmada por literatos, teóricos e historiadores, como símbolo do modernismo nacional, local de onde deveria partir os ditames modernistas. De qualquer forma, a Semana foi um ambiente de exposição e de conciliação das diferenças destes jovens que visavam construir um novo conceito de arte, estética e política adaptada aos novos tempos. O objetivo principal da Semana era, então, se impor contra o Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo.

A partir da Semana de Arte Moderna, pessoas díspares foram se unindo em grupos heterogêneos em busca de uma arte nacional. No caso de São Paulo, local em que surgiu a Revista, foram sendo formados o grupo aliado ao movimento da poesia Pau-Brasil, com Oswald, Mário de Andrade, Bopp, entre outros e o movimento verde-amarelo, mais conservador, representado por

Plínio Salgado e Guilherme de Almeida. O que unia estes modernistas eram inimigos em comum, ou seja, faziam oposição às tendências dominantes, entretanto não havia clareza na trajetória a ser seguida.

Oswald, em 1928, publica o *Manifesto Antropófago*, baseado no cubismo francês, pois o que eles procuravam como suporte exótico e moderno, o autor de *Os condenados* poderia encontrar no Brasil, na natureza, no índio e no negro, em elementos da cultura popular como carnaval, na cozinha, mas aglutinando-os aos símbolos da modernidade. Propõe-se, assim, que a cultura importada fosse reelaborada, transformando o que veio de fora em produto exportável.

Primeira “dentição” ou “estômago de avestruz”

A Revista teve duas fases, intituladas “dentições”. A primeira possuía o formato de 33 por 24 cm e 8 páginas por número. Totalizando 10 números, foi editada mensalmente de maio de 1928 a fevereiro de 1929 e contou com Antônio de Alcântara Machado como diretor e com Raul Bopp como gerente.

Ao todo, na primeira dentição assinaram 62 autores entre nomes reais e pseudônimos. O autor que mais publicou foi Antônio de Alcântara Machado, totalizando vinte artigos ao longo das dez edições. Se considerarmos intervenções juntamente com Raul Bopp, o número chega a 22. O autor tem, na revista, basicamente o mesmo papel que Mário de Andrade possuía em *Klaxon*, ou seja, editoriais e resenhas de livros. Ficava, então, responsável pelo artigo de abertura e resenhava obras na página quatro de cada número da Revista.

O segundo autor que mais publicou nesta fase foi, de acordo com o ecletismo abordado acima, Yan de Almeida Prado, ficando ausente apenas no primeiro número. Das 9 publicações,

apenas a primeira, intitulada “Idílio”, foi em forma de artigo, em que o autor analisa a atuação de um repórter de outro jornal. Os restantes são parte de *Os três sargentos* [Episódio da Revolução de 1924].

Mário de Andrade publicou cinco artigos, nos números 1, 2, 4, 5 e 10. O primeiro artigo, intitulado *manhã*, em clima antropofágico de estreia, recorre a uma paisagem tranquila, “marupiara e descansante”, em um “silêncio nortista, muito claro”, em que não desejava mulheres, mas Lenin ou Carlos Prestes ou Ghandi para, após convidá-los a sentar, contar as para eles sobre a brasilidade, como nome de peixes, Ouro Preto, Marajó. No segundo número é publicado trecho de *Macunaíma*. Nos números 4 e 5 são publicados *Romance de veludo* e *Lundú do escravo*, estudos sobre folclore e música. Número 10 é um estudo sobre a antropofagia enviado de Natal, quando ele viajava para conhecer o país e divulgar o movimento.

Augusto Meyer tem quatro artigos publicados nesta fase. No primeiro número, publica *Resolana*, trecho do livro *Giraluz*; no segundo número, *Fim da linha e Serenata*, do livro *Gatinha de Boca*; *Oração ao negrinho do pastoreio* é publicado no quarto número; e, no quinto, *Coro dos satisfeitos acompanhado pelo Zé Pereira do Bom Sucesso*, do livro *Bilú*.

Com três publicações, temos Carlos Drummond de Andrade – incluindo *No meio do caminho* –, Ascenso Ferreira, Jorge Fernandes e Rosário Fusco (dois artigos e um desenho). Com duas publicações, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Plínio Salgado, Brasil Pinheiro Machado, Ruy Cirne Lima, Achilles Vivacqua, Manuel Bandeira, Mario Gracioti, João do Presente, Luis da Câmara Cascudo, Sebastião Dias e A. de Almeida Camargo. Com apenas uma publicação temos quarenta e dois autores. Há ainda, sessões e artigos que não são

assinados.¹

Com apenas Antônio de Alcântara Machado presente em todos os números, Yan de Almeida Prado em quase todos eles e uma maioria esmagadora de autores publicando apenas um artigo em dez números da Revista, pode-se afirmar que uma das políticas editoriais era prezar pela variedade e alternância de autores que estivessem, nem que fosse minimamente, em concordância com a antropofagia.

Havia contribuições do Grupo verde-amarelo ou Anta, que mais tarde teria relações cortadas com o grupo: Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo. Um dos motivos que levou à discordâncias e corte nas relações entre os dois grupos foi a maneira de pensar o nacionalismo (ufanismo) e questões políticas, chegando a Integralismo, Revolução Constitucionalista, Comunismo, Anarquismo.

Outrossim, este ecletismo e rotatividade de autores parece ser inclusive uma das características iniciais do movimento antropofágico, ainda em fase de construção e maturação. A Primeira Dentição, como um todo, foi mais estética, imbuída de um nacionalismo ainda abstrato, eclética e uma ideologia entre o anti-imperialista e utópica.

O primeiro volume parece resumir a primeira dentição, apresentando *O Abapuru*, de Tarsila do Amaral, esteticismo de Mario de Andrade por meio de poemas, críticas literárias promovidas por Alcântara Machado, um estudo acerca da linguagem tupy feita pelo verde-amarelo e futuro integralista Plínio Salgado, textos antropófagos de Oswald de Andrade e de Oswaldo Costa,

¹ Alguns nomes de autores citados podem ser pseudônimos. Esta questão será analisada profundamente posteriormente, haja vista que a intenção aqui é promover uma descrição ampla da primeira fase da Revista.

com o *Manifesto Antropófago* e *A "Descida" Antropophaga*, consecutivamente. Este modelo parece manter-se até o décimo e último número da primeira denteição.

Considerações finais

Como demonstrado, nesta denteição foram publicados autores de diversas variantes do modernismo brasileiro, o que nos leva a questionar a afirmação apresentada por diversos estudiosos sobre o assunto de que a Revista seria apenas um modelo de exportação do modernismo paulista para as demais regiões brasileiras. Este pressuposto acaba reafirmando a preponderância do modernismo paulista frente os demais estados da federação, preceito criticado neste trabalho.

Para exemplificar, temos o fato de terem sido publicados na primeira denteição *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, trechos de *Macunaíma*, de Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Schmidt, Luís da Câmara Cascudo, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo. Isto representa o ecletismo do modernismo brasileiro em meio a suas cisões internas.

Outro ponto que demonstra este ecletismo são as críticas literárias de Alcântara Machado, que elogia *Essa Nega Fulô*, de Jorge de Lima, o verde-amarelismo de *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, o antropofágico *Macunaíma*, de Mario de Andrade e Menotti Del Picchia. Alcântara Machado assume na Revista mais ou menos o papel de Mário de Andrade em Klaxon, ou seja, responsável pelos editoriais e resenhas de livros. Além disso, há diversidade da noção de brasilidade e de nacionalismo presentes nas páginas da Revista, como obras ligadas ao nacionalismo conservador do verde-amarelismo, do nacionalismo liberal de Mário de Andrade e a antropofagia de extrema esquerda.

Entre os artigos, raras são as

questões político-ideológicas levantadas diretamente pelos autores em relação a Marx e Engels, revolução bolchevique, política e sociedade no Brasil e no mundo. Não há um enfrentamento direto contra o status quo e o PRP, dominante na cena política paulista. Os textos mais radicais acabam sendo o Manifesto Antropófago e Schema ao Tristão de Ataíde, de Oswald, em que o autor resgata uma de suas máximas "A posse contra a propriedade" e *O Nordeste do Sr. Palhano*.

Neste último, questiona-se o governo – especialmente o Ministério da Agricultura – quanto aos problemas históricos, da seca, da fome, do latifúndio, entre outras questões, que afetam o Nordeste, fazendo uma afronta ao governo e aos grandes proprietários de terra ao defender a reforma agrária. Dedicado ao engenheiro Senhor Palhano, o artigo questiona a ideia de que o Nordeste tem problemas sociais apenas devido à seca. Ele atribui a questões políticas:

Não são os açudes e as estradas que resolvem as nossas eternas questões. Não deixa de ser isso. Mão são sobretudo métodos regionaes de educação, medidas inteligentes de aproveitamento. Para fazermos verdadeiramente obra de construção, temos que enxergar o Nordeste como uma região à parte. E especialisar então para ela educação, instituições sociaes, administração (...) Querer, por exemplo, alfabetizar essa gente antes de educá-la na pratica do trabalho da sua terra, íncorrer na eterna questão de começar pelo fim. Porque o sertanejo só é preguiçoso nos sertões. As fazendas de café de S. Paulo e os seringaes do Amazonas não tiveram buraco mais forte. Explica-se isso pelo completo desconhecimento dos recursos da terra por parte deles.

Sendo assim, percebe-se que a primeira denteição é assinalada por uma

consciência ingênua, certa indefinição e ecletismo estético, político e ideológico, isto é, possuía estômago de avestruz², como coloca Augusto de Campos ao utilizar um dos artigos da revista. A ideia proferida da imagem do avestruz é tomada como antropofagia, então, em seu sentido superficial, pois leva à construção imagem do estômago enquanto apenas junção de ideias, temas, estéticas, ideologias em um único lugar e para por aí. Não concebe a ideia da deglutição no sentido antropofágico posteriormente construído, da antropofagia enquanto movimento

Toda a argumentação e exemplificação até o momento fez crer que a esta fase da revista foi genérica, heterogênea, eclética e indefinida teórica e poeticamente, mas seu valor enquanto veículo midiático de divulgação e evolução da linguagem do Modernismo é inegável. A Revista não obedece a uma temática padrão, com poemas, estudos, contos, fragmentos de livros, poucos desenhos, ponderações sobre folclore, notas irreverentes e brincadeiras.

Em relação às origens dos escritores, há a predominância dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, mas há autores que assinam de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Paraíba, Pará (Oswaldo Costa e Abguar Bastos), Rio Grande do Norte, Paraná, Ceará e Alagoas. Ainda há dois autores estrangeiros: desenho de Maria Clemência, de Buenos Aires, na página três do número dois e artigo de Nicolas Fusco Sansone, de Montevidéu, na página cinco do mesmo número.

Referências

- AMARAL, Aracy. Artes plásticas na Semana de 22. 5. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 1998. 335 p.
- ANDRADE, Oswald. Obras Completas: a utopia antropofágica. Introdução de Benedito Nunes. São Paulo: Globo, 1990.

BACZKO, Bronislaw. “*A imaginação social*” In: Leach, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. Vanguarda antropofágica. São Paulo: Ática, 1985.

BOPP, Raul. *Movimentos Modernistas no Brasil 1921-1928*. Rio de Janeiro, São José, 1966.

CAMPOS, Augusto de. “Revistas re-vistas: os antropófagos”. In Revista de Antropofagia, Edição fac-símile. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FABRIS, Annateresa. *O Futurismo Paulista: Hipóteses para o Estudo da Chegada da Vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Perspectiva: Edusp, 1994.

FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade. Biografia*. São Paulo: Globo, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

JACKSON, Kenneth David. ‘A View on Brazilian Literature: Eating the Revista de Antropofagia. In Latin American Literary Review, Vol. 7, No. 13 (Fall - Winter, 1978), p. 1-9.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas*.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2001.

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. (1982), "The Bloomsbury fraction". Problems in materialism and culture. Londres, Verso Editions.

² Ave de apetite onívoro e estômago complacente e, aliás, estrangeira.